



Comunicações está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

ALIANÇA DE DEUS NO ANTIGO TESTAMENTO

God's Covenant in the Old Testament

Eduarda de Sousa Oliveira¹

RESUMO

O presente ensaio monográfico se concentrou, de forma abrangente, no estudo das principais alianças de Deus contidas no Antigo Testamento. Por essa razão, foi considerada em primeira instância, a análise da própria palavra em hebraico, (בְרִית, *berit*). Isto para que o leitor pudesse compreender de forma mais profunda o significado deste termo, seja no meio religioso ou não, e as intenções do próprio Deus em formar e manter uma aliança com o seu povo, apesar de sua infidelidade. Para a elaboração deste ensaio monográfico foram utilizados, além de livros sobre o assunto, enciclopédia, dicionários, vocabulário e materiais publicados em revistas teológicas.

Palavras-chave: Aliança. Antigo Testamento. Infidelidade.

ABSTRACT

The present monographic essay has focused comprehensively on the study of God's major covenants contained in the Old Testament. For this reason, the analysis of word itself in Hebrew was considered in the first instance. This was so that the reader could understand more deeply the meaning of the term, whether in religious circles or not, and the intentions of God himself if forming and maintaining a covenant with his people, despite their infidelity. For the elaboration of this monographic essay, in addition to books on the subject, encyclopedia, dictionaries, vocabular and materials published in Theological journals were used.

Keywords: Covenants. Old Testament. Infidelity.

¹ A autora é graduanda em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira em Ijuí / RS. E-mail: eduarda.oliveira@batistapioneira.edu.br

INTRODUÇÃO

Para muitas pessoas, principalmente no meio cristão, o termo “relacionamento” é utilizado para descrever a ligação pessoal entre Deus e o ser humano. Esta palavra pode ter diferentes significados, como entender Deus como um amigo, pai ou simplesmente um orientador. Mas existe uma maneira particular de se relacionar com o Senhor, a qual pode ser encontrada em todo o texto bíblico e com bastante ênfase no Antigo Testamento, e é chamada de “aliança”.² No relato da criação, encontrado nos primeiros capítulos de Gênesis, o autor descreve a satisfação de Deus ao criar um mundo bom e cheio de potencial. Além disso, demonstra a intenção divina para com os seres humanos de torná-los seus parceiros, com responsabilidades e benefícios, a fim de que realizem a obra de Deus e o glorifiquem por meio de suas ações.³ Todavia, a separação da humanidade de seu Criador por causa do pecado e da queda foi tão drástica e irreparável do lado humano que apenas um ato iniciado por Deus poderia superar tamanho estrago. Deus tornou possível a reconciliação e a renovação de Seu relacionamento com a humanidade por meio do princípio da aliança. Conceito este tão difundido no Antigo Testamento e visto por muitos teólogos como central para a teologia desta parte da Bíblia. Em suma e na maioria dos casos, a aliança refere-se a um acordo entre Deus e as pessoas, sendo este sempre iniciado pelo Senhor.⁴ No entanto, faz-se necessária uma avaliação mais detalhada deste termo, bem como de detalhes de como as alianças do Antigo Testamento foram feitas, o que será observado a seguir.

1. UMA VISÃO GERAL DO TEMA E O SIGNIFICADO DA PALAVRA *BERIT*

O termo hebraico para *aliança* (בְּרִית, *berit*) possui diferentes significados, de acordo com o seu contexto e interpretação. Pode ser utilizado no meio secular, entre indivíduos e coletividades, como também no meio religioso.⁵ Por exemplo, entre nações: tratado, aliança de amizade; entre indivíduos: acordo ou trato; em uma obrigação entre um monarca e seus subordinados: uma constituição; entre Deus e o ser humano: uma aliança acompanhada de sinais, sacrifícios e um juramento solene que selava o pacto com promessas de bênção para quem guardasse a aliança ou de maldição para quem a quebrasse. Com relação à etimologia da palavra, sua origem é incerta, mas pode estar relacionada com a palavra acadiana *burru*, que significa “estabelecer uma situação legal por meio de um testemunho acompanhado de juramento”.⁶

² FÉLIZ, Denny. **Pactos**. República Dominicana: Bible Project, 27 jun. 2022, vídeo. Disponível em: https://youtu.be/IPi_4Pwn42w. Acesso em: 03 abr. 2023.

³ FÉLIZ, 2022.

⁴ MERRIL, Eugene H. **Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Helena Aranha e Regina Aranha. São Paulo: Shedd, 2009, p. 239.

⁵ SCHOKEKEL, Luis Alonso. **Dicionário bíblico hebraico-português**. Tradução de Ivo Storniolo e José Bortolini. São Paulo: Paulus, 1997, p. 118.

⁶ SMICK, Elmer B. בְּרִית (b^{erit}). In: HARRIS, Laird; ARCHER JR, Gleason; WALTKE, Bruce. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz Sayão e Carlos Osvaldo Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 214.

Para Bauer, *berit* (בְּרִית) significa a existência de segurança nas relações e estas podem ser as mais diversas. Quando os parceiros são desiguais é natural que o mais poderoso conceda *berit* ao mais fraco. Da mesma forma, esse pedido pode ser feito pelo menos forte, assim como os gibeonitas fizeram no capítulo 9 de Josué. Todavia, o menos forte deve sempre observar as condições sob as quais lhe foi concedida *berit*, ou seja, uma relação de servo, ou pelo menos mostrar-se leal para com o que lhe concedeu *berit*. Isto é, deve haver fidelidade ao dever da aliança para não se tornar culpado por meio da transgressão da aliança. Do contrário, o mais forte não será mais obrigado a cumprir o que prometeu.⁷

Um aspecto muito importante na aliança que Deus tinha com Israel era seu duplo aspecto de condicionalidade e incondicionalidade. Para Elwell, as promessas feitas por lavé na aliança da graça representam decretos que Ele certamente realizará, quando as condições forem propícias para o seu cumprimento. Além disso, o benefício pessoal (especialmente o espiritual e eterno) da promessa de Deus será creditado apenas àqueles participantes da aliança divina que manifestarem uma fé verdadeira e viva. Em resumo, Deus será fiel à sua palavra e às suas promessas, mas também fará com que nenhum transgressor das exigências de santidade participe dos benefícios eternos da aliança. Nenhum filho da aliança que apresente ao Senhor um coração infiel será incluído nas bênçãos da aliança.⁸

Quando se observa a história do povo de Israel de forma mais cuidadosa ou mais ampla, bem como compreender o cerne da Teologia Bíblica, não haverá uma compreensão completa sem a noção de aliança. Ela é a responsável por explicar a vida religiosa do povo de Deus, do mesmo modo que explana as relações entre o Deus de Israel e a sua comunidade escolhida.⁹ Ela tem por fundamento o amor de Deus, que é livremente concedido. Por isso, Israel e o Senhor Deus não firmaram uma aliança como fazem os parceiros humanos, mas é lavé quem estabelece a aliança com o seu povo.¹⁰

No sentido bíblico, uma aliança representa muito mais do que um mero acordo (ou contrato) que possui um período determinado de vigência. Ela é um pacto permanente. Outra notória diferença é que um contrato normalmente concentra-se em apenas uma característica das pessoas envolvidas, assim como um talento, mas uma aliança abrange todo o ser do indivíduo. No entanto, o ponto mais importante da aliança entre Deus e seu povo é que o Senhor é santo, onisciente e Todo-poderoso, mas ainda assim consente em fazer uma aliança com um povo fraco, pecador e imperfeito.¹¹ Algumas destas alianças serão o destaque do ponto seguinte.

⁷ BAUER, Johannes B. **Dicionário de teologia bíblica**. Tradução de Helmuth Alfredo Simon. São Paulo: Loyola, 1979, p. 29.

⁸ ELWELL, Walter A. **Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 45.

⁹ ALLMEN, Jean Jacques Von. **Vocabulário bíblico**. Tradução de Alfonso Zimmermann. São Paulo: ASTE, 2001, p. 23.

¹⁰ BAUER, 1979, p. 31.

¹¹ YOUNGBLOOD, Ronald F.; HARRISON, R. K. **Dicionário ilustrado da Bíblia**. Tradução de Lucília Marques Pereira da Silva. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 43.

2. AS PRINCIPAIS ALIANÇAS DE DEUS NO ANTIGO TESTAMENTO

Após mencionar de forma mais ampla o significado da palavra aliança (בְּרִית, *berit*) no ponto anterior, a seguir serão relatadas as principais alianças feitas por Deus com o seu povo. Além dos objetivos encontrados em cada uma delas.

2.1 Aliança Adâmica

O termo *aliança* é utilizado pela primeira vez no relato de Gênesis 6.18, o qual evidencia o período próximo ao dilúvio universal prometido por Deus a Noé devido à corrupção dos seres humanos. Porém, o sufixo pronominal da primeira pessoa usado com o substantivo na expressão “minha aliança” sugere que ela não está sendo revelada pela primeira vez, mas que esta se refere a uma aliança já conhecida. Sendo assim, esta aliança só pode ser a que foi anunciada no relato da criação no livro de Gênesis, sobretudo em 1.26-28.¹² Esta aliança, encontrada logo no início da Bíblia, pode ser definida como um exemplo incompleto de um documento de concessão real. Os elementos básicos visíveis desta forma são: um outorgante real, um beneficiário e os elementos da concessão. O que falta, no entanto, é alguma declaração do histórico ou do contexto da concessão.¹³

Com relação ao que o ser humano fez para receber a atenção de Deus ou merecer seu favor gracioso, a resposta é nada, uma vez que a concessão foi concebida e enunciada antes da humanidade ser criada. Não havia condições a serem satisfeitas a fim de que fosse concedida, nem existe nenhuma determinação para que os seus benefícios prossigam. Na verdade, até o pronunciamento da proibição de comer o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, não havia nenhum indício de condicionalidade para permitir que o ser humano permanecesse em boa situação com o grande Rei. Essa é, pura e simplesmente, a declaração a que o Senhor se referiu quando falou a Noé: “Minha aliança”.¹⁴

2.2 Aliança Noética

Como mencionado anteriormente, o termo *aliança* (בְּרִית, *berit*) ocorre pela primeira vez em Gênesis 6.18. Para alguns, a aliança Noética possui diferentes interpretações, como é o caso de Dyrness. Para ele, Deus estabeleceu uma única aliança, formada por uma promessa em Gênesis 6.18, quando o Senhor manifesta a sua indignação com a corrupção da humanidade e esta aliança é finalizada ou selada em Gênesis 9.16, com o estabelecimento do Arco-Íris¹⁵, conforme o texto bíblico: “Toda vez que o arco-íris estiver nas nuvens, olharei para ele e me lembrarei da aliança eterna entre Deus e todos os seres vivos de todas as espécies que vivem na terra”.¹⁶

¹² MERRIL, 2009, p. 290.

¹³ MERRIL, 2009, p. 291.

¹⁴ MERRIL, 2009, p. 291.

¹⁵ GUSSO, Antonio Renato. Aliança no Antigo Testamento. *Via Teológica*, Curitiba, v. 1, n. 3, p. 55-73, jul. 2001.

¹⁶ SOCIEDADE BÍBLIA INTERNACIONAL. *Bíblia Sagrada NVI*. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2011, p. 10.

No entanto, para outros, como Murray, a aliança Noética é dividida em duas partes, com diferenças significativas. Ou seja, uma aliança antes do dilúvio e outra depois dele. Para Murray, a primeira aliança continha obrigações que deveriam ser cumpridas por Noé e seus familiares, enquanto a segunda era incondicional. Esta afirmação vem de características como: seu estabelecimento vindo do próprio Deus; não limitada a Noé, mas universal; sem expectativas de nenhuma atitude por parte de Noé ou da humanidade futura para que recebessem a graça da aliança e sua eternidade. Sendo assim, ela é uma administração soberana da graça de Deus, desde sua origem e revelação até a confirmação e cumprimento.¹⁷

De qualquer modo, a aliança Noética revela mais uma vez sua continuidade com a dita aliança Adâmica. Isto ocorre porque a razão de existência do ser humano é servir a Deus como seu representante na terra, reinando sobre toda a criação, de acordo com o comando do Senhor e para ele.¹⁸

2.3 Aliança Abraâmica

A aliança feita com Abraão aparece pela primeira vez no texto da Bíblia em Gênesis 12.1-3. Deus o escolhe, promete abençoá-lo e dar-lhe terras, onde poderá frutificar. Em troca, Deus pede para que Abraão confie nele e ensine sua família a fazer o que é correto e justo. A razão desta aliança, está na bênção que Deus concederá a todas as famílias do mundo por meio da família de um único homem.¹⁹ Esta aliança é de suma importância, pois marca o início da eleição do ser humano por intermédio do qual o mundo todo poderia ser salvo se cresse em Deus, assim como o início da história teológica de Israel.²⁰

Um elemento de grande importância no estabelecimento da aliança com Abraão foi a cerimônia solene (Gn 17.6-8), a qual equivalia a um juramento autoamaldiçoante (Jr 34.18-20). Nela Deus teve uma participação ativa, enquanto Abraão participou passivamente. Nada poderia ser melhor do que esta cerimônia solene para assegurar a Abraão a plena convicção de que as promessas se cumpririam. Desta forma, cabia a Abraão apenas aceitá-la, pois estava para sempre garantida por Deus.²¹

Apesar disso, mesmo que a aliança Abraâmica fosse incondicional, por outro lado, também havia uma responsabilidade que a condicionava: deveria ser estabelecida por meio da fé e de um sinal desta devoção, que era a circuncisão. Essa deveria ser uma característica do povo de Deus. Ou seja, aqueles que participassem deste rito estariam prontos para observar os outros pontos importantes do pacto. Contudo, se este sinal fosse negligenciado, o indivíduo poderia ser excluído da comunidade, uma vez que aqueles que não possuíam a marca da circuncisão não estavam identificados como povo de Deus e não fariam parte nem teriam o privilégio das promessas de Deus.²²

¹⁷ MURRAY, 1983, *passim apud* GUSSO, 2001, p. 63.

¹⁸ MERRIL, 2009, p. 293.

¹⁹ FÉLIZ, 2022.

²⁰ GUSSO, 2001.

²¹ GUSSO, 2001.

²² GUSSO, 2001.

Assim sendo, é possível observar que a aliança de Deus feita com Abraão, apesar de apresentar novas características, mantém a base da aliança com Noé. Além disso, como será visto adiante, ela continua na aliança mosaica.²³

2.4 Aliança Mosaica

Esta aliança é fruto do cumprimento e seguimento da aliança Abraâmica.²⁴ Até esse ponto, Deus havia prometido a Abraão que ele teria incontáveis descendentes, que ocupariam a terra de Canaã e dariam origem a reis.²⁵ Tudo isso resultaria em bênçãos para as nações da terra que abençoassem Israel (Gn 12.1-3; 15.5-7,18,19; 17.3-8; 22.15-18). Essa semente, no fim, faria a transição de uma sociedade nômade vagamente afiliada, presa apenas pelos laços da genealogia em comum, para uma nação entre as nações da Terra. Contudo, o senso de consanguinidade e de solidariedade étnica não se perderia, independentemente da forma política que a nação pudesse adotar. No fim do registro histórico do Antigo Testamento, os teólogos de Israel nunca perderam de vista as raízes abraâmicas de sua identidade como povo.²⁶

Israel, que já era o povo do Senhor desde o início, tornou-se uma nação em virtude da disposição de uma aliança especial. Aliança esta que explicava este papel funcional de Israel e que forneceu as estruturas sociais, políticas e religiosas necessárias para a sua efetiva implementação. Ao estabelecer esta aliança, fica claro desde o início que Israel recebeu a garantia de ser um reino de sacerdotes e uma nação santa.²⁷ Deus levou em consideração sua relação paternal com Israel, mas sem deixar de colocar condições, as quais deveriam ser observadas, obedecidas e fielmente guardadas.²⁸

Além disso, as estipulações conhecidas como os Dez mandamentos eram um elemento central no pacto estabelecido no Sinai. Desde meados do século XX, os estudiosos reconhecem que esta aliança era análoga aos textos dos acordos suserano-vassalo recuperados do mundo do Oriente Próximo na Antiguidade, em especial de fontes hititas e neoassírias. Os modelos dos hititas do fim da Idade do Bronze (1400-1200 a.C) e dos assírios (século VII a.C.) contêm elementos-padrão da forma de tratado que também aparecem no Antigo Testamento, em especial no “livro da aliança” (Êx 20-23) e no livro de Deuteronômio como um todo.²⁹ Nos dias atuais, tendo como base o que foi mencionado anteriormente, sobre os paralelos dos tratados internacionais com a aliança estabelecida por Deus, fica claro que Israel tomou esta aliança como a base para a sua vida religiosa e social.³⁰ Deus, como Senhor de Israel, escolheu este povo dentre todas as nações da Terra para ter um relacionamento de aliança especial guiado

²³ GUSSO, 2001.

²⁴ GUSSO, 2001.

²⁵ FÉLIZ, 2022.

²⁶ MERRIL, 2009, p. 319.

²⁷ MERRIL, 2009, p. 321.

²⁸ GUSSO, 2001.

²⁹ MERRIL, 2009, p. 321.

³⁰ GUSSO, 2001.

por uma missão, a saber: ser uma nação serva que modela o Reino de Deus e media a graça redentora dele para as outras nações.³¹

2.5 Aliança Davídica

A aliança feita com Davi tem seu anúncio no texto bíblico, que pode ser lido em 2 Samuel 7.12-17. O termo *aliança* (בְּרִית, *berit*) não ocorre neste texto, embora todos os estudiosos concordem que a aliança Davídica seja o foco central nesta passagem. Em outros textos (2Sm 23.5; Sl 89.3,4,28,34) o próprio Davi refere-se às promessas feitas como uma aliança. Em seu significado final, ela tinha como objetivo ser uma aliança messiânica e suas principais características eram a segurança, a determinação e a imutabilidade das promessas.³²

Dyrness vê no Salmo 89.3,4,27-37 que a descrição da aliança feita entre Davi e Deus possui quase os mesmos termos da aliança estabelecida com Abraão. Entretanto, nele Deus não apenas relembra suas promessas aos patriarcas, mas também acrescenta bênçãos, como: o Senhor faria um grande nome para Davi; Ele forneceria a Israel um lugar de moradia seguro e protegido; Ele estabeleceria uma casa (ou seja, dinastia) para Davi e a casa e o reinado de Davi durariam para sempre (2Sm 7.9-16). Havia apenas uma nota de advertência, a saber: quando Davi cometesse algum erro, Deus o puniria com o castigo destinado aos seres humanos. No entanto, isso logo se seguiu a mais firme garantia: Deus nunca retiraria sua aliança de fidelidade (em hebraico, *hesed*) como retirou de Saul. Na verdade, haveria disciplina para a transgressão da aliança, mas a aliança mesmo nunca seria cancelada, independentemente do comportamento dos seus beneficiários reais.³³ Portanto, o que não se pode deixar de observar é a dispensação soberana da graça de Deus que se encontra nesta aliança de forma mais clara do que em qualquer outra.³⁴

3. A INFIDELIDADE DO POVO DE DEUS À ALIANÇA E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Apesar do plano perfeito de Deus em fazer e manter uma aliança de fidelidade com os israelitas e estes terem firmado tal aliança com o Senhor, a promessa do povo não durou por muito tempo. A seguir serão mencionadas, de forma ampla, algumas situações em que o povo do Senhor foi infiel e as devidas consequências por suas atitudes de transgressão à Lei.

3.1 O período pré-monárquico

O livro de Juízes, de maneira resumida, conta a história do período entre a morte de Josué e o início da monarquia em Israel. Deus já havia revelado sua Lei para o povo e de forma revisada no livro de Deuteronômio, dado diversas exortações para que o Seu povo mantivesse

³¹ MERRIL, 2009, p. 323.

³² GUSSO, 2001.

³³ DYRNBESS, *passim apud* GUSSO, 2001, p. 68.

³⁴ GUSSO, 2001.

sua lealdade diante da ameaça de apostasia que encontraria, ao conquistarem a Terra Prometida.³⁵

Em alguns textos encontrados no livro de Juízes, o Senhor Deus ressalta que a opressão enfrentada por Israel não era fruto de irresponsabilidade divina por não cumprir com Sua palavra, mas consequência da infidelidade do povo de Israel à aliança estabelecida pelo Senhor. Por exemplo:

O Anjo do Senhor subiu de Gilgal a Boquim e disse: Tirei vocês do Egito e os trouxe para a terra que prometi com juramento dar a seus antepassados. Eu disse: Jamais quebrarei a minha aliança com vocês. E vocês não farão acordo com o povo desta terra, mas demolirão os seus altares. Por que vocês não me obedeceram? Portanto, agora digo a vocês que não os expulsarei da presença de vocês; eles serão seus adversários, e os deuses deles serão uma armadilha para vocês (Jz 2.1-3).

Ao longo do livro, de geração em geração, o povo de Israel sofreu duras consequências por fraudar a aliança estabelecida por Deus e viver no caminho da desobediência e idolatria. Mesmo que naquela época não houvesse rei governando Israel (Jz 21.25) a atitude do povo não precisava ser negativa, pois a nação estava fundamentada em uma aliança com o Senhor. Deus era o verdadeiro rei de Israel. Mas quando os israelitas acharam reto fazer o errado, trouxeram sobre si a ira de Deus.³⁶

Juízes apresenta um ciclo de cinco etapas repetido nas várias gerações: o povo caía em idolatria; Deus mandava um castigo de repreensão por meio de outro povo; o povo clamava ao Senhor pedindo livramento; Deus enviava um libertador para livrar o povo do castigo e o povo continuava fiel até a morte daquele libertador.³⁷ Juízes relata um período cheio de exemplos da destruição e do sofrimento causados pelo pecado de pessoas que descumpriram a aliança com Deus e desrespeitaram a vontade de seu Criador. Nos capítulos 19 a 21, o autor do livro descreve um dos fatos mais terríveis de toda a história bíblica como um último modelo da depravação dos israelitas da época. Um caso de estupro e homicídio provocou uma guerra em Israel. Como resultado a tribo de Benjamim foi quase exterminada. No entanto, o mesmo livro mostra a longanimidade e a misericórdia de Deus, que sempre procura o livramento de seu povo, provando mais uma vez que o Senhor é fiel e cumpre suas promessas.³⁸

3.2 O período monárquico

O desejo de ter um homem governando Israel nunca esteve no coração de Deus. Observa-se isto no livro de primeiro Samuel. Porém, deslumbrados com as culturas vizinhas, os Israelitas pedem um rei ao Senhor, deixando de lado a teocracia. Eles só não imaginavam

³⁵ GUSSO, Antonio Renato. **O Pentateuco**: introdução fundamental e auxílios para a interpretação. Curitiba: ADSantos, 2011, p. 94.

³⁶ ALLAN, Dennis. **Juízes**: o povo sem rei. São Paulo: Estudos da Bíblia, 13 fev. 2022. Disponível em: <https://estudosdabiblia.net/jbd059.htm>. Acesso em: 14 abr. 2023.

³⁷ ALLAN, 2022.

³⁸ ALLAN, 2022.

todas as consequências que viriam após tomarem tal decisão.³⁹

O período monárquico pode ser classificado em reinados de baixo e alto, pois homens fiéis a Deus e a sua aliança governaram o povo, assim como reis que levaram os israelitas à decadência. Um deles foi Salomão. Apesar de Salomão, no início de sua vida, ser um homem temente a Deus e fiel a suas ordenanças como seu pai Davi e ser considerado o homem mais sábio em sua época, em sua velhice ele se desviou do seu Senhor.⁴⁰

Salomão se casou com muitas mulheres estrangeiras que adoravam outros deuses. A elas, o rei Salomão se apegou com amor, as quais perverteram seu coração para não obedecer aos mandamentos do Senhor. Para agradá-las, ele construiu altares aos deuses estrangeiros que elas adoravam e se esqueceu do Deus verdadeiro (1Rs 11.4). Por causa de seu pecado, Deus levantou adversários contra Salomão (1Rs 11.10-11). Um deles foi Jeroboão, que mais tarde dividiu o reino de Israel em duas nações: Israel e Judá.⁴¹

3.3 O período exílico

A Palavra de Deus descreve algumas nações, além de Israel, que foram submetidas a exílios. Em suma, o exílio consistia na prática de uma nação vitoriosa selecionar dentre os habitantes da nação derrotada prisioneiros para servirem como escravos, ou, no caso das mulheres, como esposas ou concubinas. Geralmente, quando uma nação era derrotada seu território era arrasado e a maioria dos cidadãos, morta. Aqueles que “sobravam” conviviam com a dor da separação de sua terra natal e com o desespero de não contarem mais com a proteção de seu deus local, pois quando uma nação era capturada por outra, as pessoas acreditavam que isso significava que a divindade daquela nação também havia sido derrotada.⁴² Na história do povo de Israel, a Bíblia menciona dois grandes cativeiros: o cativo na Assíria (Reino do Norte) e o na Babilônia (Reino do Sul). Vale ressaltar que o cativo imposto ao povo de Deus foi resultado da idolatria que praticaram ao adorarem deuses pagãos. Este comportamento atraiu o castigo do Senhor sobre eles.⁴³

O cativo babilônico, por exemplo, não foi nada fácil para os judeus. Eles foram humilhados, maltratados e insultados. A lembrança da queda de Jerusalém e da destruição do Templo os esmagava. O Salmo 137, ao mesmo tempo em que relata a tristeza dos judeus no cativo babilônico, também mostra o quão distante eles estavam da presença de Deus, a ponto de revelar que o grande lamento daquele povo era por sua adorada Jerusalém e não por estarem arrependidos pela desobediência aos mandamentos do Senhor.⁴⁴

³⁹ LÁRIOS, Paulo Sérgio. **O vilão Salomão**. São Paulo: Recanto das Letras, 01 maio. 2019. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-religiao-e-teologia/6636727>. Acesso em: 14 abr. 2023.

⁴⁰ LÁRIOS, 2019.

⁴¹ LÁRIOS, 2019.

⁴² CONEGERO, Daniel. **O cativo babilônico**. São Paulo: Estilo Adoração, 23 mar. 2017. Disponível em: https://estiloadoracao.com/o-cativo-babilonico/google_vignette. Acesso em: 14 abr. 2023.

⁴³ CONEGERO, 2017.

⁴⁴ CONEGERO, 2017.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início da criação Deus sempre demonstrou interesse em manter uma aliança com a humanidade e este apontamento pode ser observado em praticamente todos os livros do Antigo Testamento. Essa decisão apenas ratifica que a iniciativa sempre partiu do Senhor, independente da fidelidade ou infidelidade daqueles que faziam parte da sua aliança. Mas também é necessário destacar que, apesar dos pecados do povo de Israel, a aliança de Deus com o seu povo já tinha um plano, que seria cumprido por meio de Jesus Cristo. A Bíblia diz que ele é da família de Abraão e, por isso, traria as bênçãos desse povo para todo o mundo. Ele também é o israelita fiel, capaz de obedecer a Lei perfeitamente. Jesus é o Rei da linhagem de Davi, que estende o reinado de paz e justiça de Deus para todos. Isso, apesar de ser notável para um homem só, unicamente confirma que Jesus não é um simples homem, mas Deus em forma humana. O Senhor Deus estabeleceu uma nova aliança, concretizada em Cristo Jesus.

A narrativa bíblica termina com uma visão de mundo totalmente renovada, inclusive com uma humanidade que vive em completa harmonia com Deus. A boa notícia, portanto, é que Jesus Cristo já veio para esta terra e é a verdadeira esperança para os perdidos e aos que já creem nele, fazendo com que seja aguardado ansiosamente pela sua volta e por um mundo onde o abismo do pecado não exista.

REFERÊNCIAS

ALLAN, Dennis. **Juízes: o povo sem rei**. São Paulo: Estudos da Bíblia, 13 fev. 2022. Disponível em: <https://estudosdabiblia.net/jbd059.htm>. Acesso em: 14 abr. 2023.

ALLMEN, Jean Jacques Von. **Vocabulário bíblico**. Tradução de Alfonso Zimmermann. São Paulo: ASTE, 2001.

BAUER, Johannes B. **Dicionário de teologia bíblica**. Tradução de Helmuth Alfredo Simon. São Paulo: Loyola, 1979.

CONEGERO, Daniel. **O cativoiro babilônico**. São Paulo: Estilo Adoração, 23 mar. 2017. Disponível em: https://estiloadoracao.com/o-cativoiro-babilonico/#google_vignette. Acesso em: 14 abr. 2023.

ELWELL, Walter A. **Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2009.

FÉLIZ, Denny. **Pactos**. República Dominicana: Bible Project, 27 jun. 2022, vídeo. Disponível em: https://youtu.be/IPi_4Pwn42w. Acesso em: 03 abr. 2023.

GUSSO, Antonio Renato. Aliança no Antigo Testamento. **Via Teológica**, Curitiba, v. 1, n. 3, p. 55-73, jul. 2001.

GUSSO, Antonio Renato. **O Pentateuco: introdução fundamental e auxílios para a interpretação**. Curitiba: ADSantos, 2011.

HARRIS, R. Laird; ARCHER JR, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. **Dicionário de teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto T. Sayão e Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.

LÁRIOS, Paulo Sérgio. **O vilão Salomão**. São Paulo: Recanto das Letras, 01 mai. 2019. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-religiao-e-teologia/6636727>. Acesso em: 14 abr. 2023.

MERRIL, Eugene H. **Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Helena Aranha e Regina Aranha. São Paulo: Shedd, 2009.

SCHOKEL, Luis Alonso. **Dicionário bíblico hebraico-português**. Tradução de Ivo Storniolo e José Bortolini. São Paulo: Paulus, 1997.

SOCIEDADE BÍBLICA INTERNACIONAL. **Bíblia Sagrada NVI**. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2011.

YOUNGBLOOD, Ronald F.; HARRISON, R. K. **Dicionário ilustrado da Bíblia**. Tradução de Lucília Marques Pereira da Silva. São Paulo: Vida Nova, 2004.